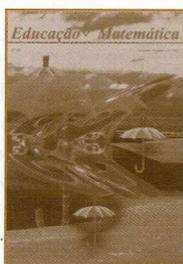


3^o classe, confrontar
tico básico esperado
tempo em que a espe
ria se fica
1^o 2^o
3^o 4^o 5^o 6^o 7^o 8^o 9^o
10^o 11^o 12^o
para a

nº 69
**Setembro/
Outubro
de 2002**



Literacia matemática

Cristina Loureiro

EDUCAÇÃO E MATEMÁTICA

Directora
Joana Brocardo

Sub-Directora
Adelina Precatado

Redacção
Alice Carvalho
Ana Paula Canavarro
António Fernandes
Elisa Figueira
Fátima Guimarães
Helena Amaral
Helena Fonseca
Helena Rocha
Isabel Rocha
Lina Brunheira
Manuela Pires
Maria José Boia
Paula Espinha
Paulo Abrantes

Editora Convidada
Cristina Loureiro

Colaboradores Permanentes
A. J. Franco de Oliveira

Matemática
Eduardo Veloso

“Tecnologias na Educação Matemática”
José Paulo Viana

“O problema deste número”
Lurdes Serrazina

A matemática nos primeiros anos
Maria José Costa

História e Ensino da Matemática
Rui Canário

Educação

Paginação e Pré-Impressão
Gabinete de Edição da APM

Entidade Proprietária
Associação de Professores de Matemática

Tiragem
5000 exemplares

Periodicidade
Jan/Fev, Mar/Abr, Mai/Jun,
Set/Out e Nov/Dez

Impressão

Printipo – Indústrias Gráficas, Lda.
N.º de Registo: 112807
N.º de Depósito Legal: 72011/93

*Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades,
muda-se o ser, muda-se a confiança;
todo o mundo é composto de mudança,
tomando sempre novas qualidades*

Luís de Camões

Parece sempre haver uma tendência generalizada para nos agarrarmos ao passado quando falamos de literacia matemática. Com facilidade somos levados a pensar nas nossas aprendizagens aritméticas da escola primária, defendidas como os instrumentos indispensáveis para qualquer cidadão enfrentar seu dia-a-dia com eficácia e segurança. Embora na raiz do conceito de literacia esteja o de alfabetização matemática, também este há muito que ultrapassou o saber contar e calcular. Recordando Paulo Freire, com as devidas adaptações à matemática, “alfabetizar é mais do que o simples domínio psicológico e mecânico de técnicas de escrever e ler (...), é entender o que se lê e escrever o que se entende (...), daí que o papel do educador seja fundamentalmente dialogar com o educando sobre situações concretas” (1965).

Uma perspectiva utilitária de literacia matemática que não encare o desenvolvimento pessoal é limitada. Este conceito deve integrar os aspectos culturais, a valorização dos diversos tipos de saberes, a satisfação do indivíduo. É por isso que se torna tão importante fazer a pergunta: como é que a matemática escolar pode enriquecer, desenvolver e servir os alunos? Para quem se preocupa com os valores sociais é insensível usá-la como factor de discriminação. Uma via possível é a procura de estratégias para colocar a matemática ao serviço da sociedade e dos indivíduos, proporcionando às crianças e aos jovens na escola oportunidades de acesso a uma cidadania feliz.

A literacia matemática não é apenas uma atribuição da escola, ainda que se reconheça à escola uma grande fatia de responsabilidade nessa construção. Talvez mais nos alicerces dessa construção. As vozes que defendem que o ensino da matemática deverá ser suficientemente estimulante e compensador para que os alunos desejem continuar a usar a matemática ao longo da vida, reclamam também para a sociedade a obrigação de oferecer oportunidades continuadas de aprendizagem da matemática e de outros assuntos. E as vozes que atribuem à escola toda a responsabilidade dos baixos níveis de literacia matemática não deveriam questionar os contributos que poderiam dar e não dão? Digamos que deve haver aqui uma espécie de cumplicidade no trabalho conjunto de desenvolver a literacia matemática.

Estas preocupações remetem-nos para uma matemática escolar menos compartimentada, mais significativa e ligada, tanto interior como exteriormente, com experiências de aprendizagem realmente estimulantes e significativas para os alunos. Todas as preocupações de literacia, sejam elas matemática, científica, de leitura e escrita, musical, plástica ... têm de ser encaradas de forma articulada e aberta. Em suma, apontam para uma escola diferente que se aproxime mais da vida e que crie o máximo de pontes e ligações com a realidade e sociedade envolventes.

Cristina Loureiro
ESE de Lisboa